

Aula 5

INVASÕES BÁRBARAS E OS CONTATOS LINGÜÍSTICOS

META

Mostrar a relação da invasão dos povos bárbaros com o fenômeno do enfraquecimento da língua latina.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
descrever as sucessivas invasões germânicas na Península Ibérica;
descrever os espaços geográficos ocupados pelos invasores;
identificar as marcas lingüísticas legadas pelos povos bárbaros às nascentes línguas ibéricas; e
reconhecer as progressivas situações de enfraquecimento do domínio lingüístico latino face ao estabelecimento dos reinos bárbaros.

PRÉ-REQUISITOS

Conhecimento sobre a origem e expansão do Império Romano: sua língua, visualização territorial e cronológica face à situação da Península Ibérica.

Antônio Ponciano Bezerra

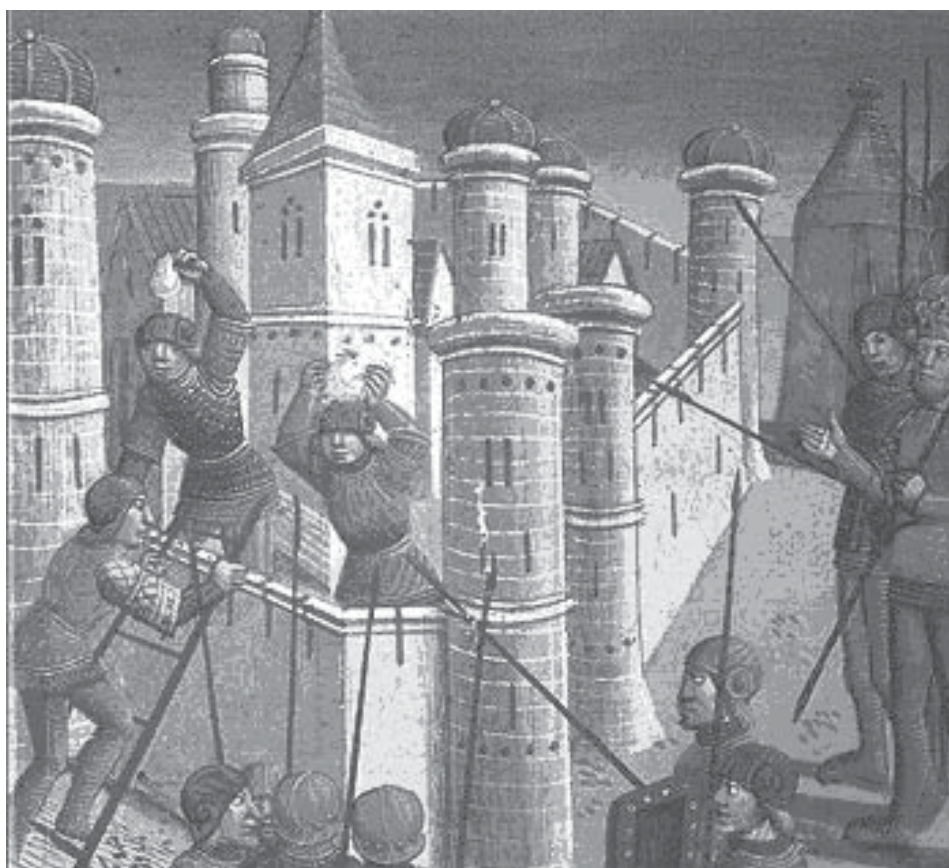
INTRODUÇÃO

Anunciamos, na aula anterior, que o Império Romano, durante o século III d. C., experimentou uma profunda crise de natureza econômica, social, política, religiosa, cultural e militar, portanto, um grande abalo estrutural que vai comprometer a sua estabilidade daí em diante.

A sobrevivência do Império, durante os séculos IV e V, só foi possível devido a extremas mudanças como o deslocamento do centro econômico do Império para o Oriente (em 330 d.C., dá-se a fundação da nova capital **Constantinopla**).

Ver glossário no
final da Aula

Ainda neste clima de mudanças, o cristianismo se torna, em 391 d.C., a religião oficial do Império, ao mesmo tempo em que a língua latina (o latim) alça o estatuto de língua oficial de difusão da nova ordem religiosa. Mas o clima de insegurança e de conflito continua, cada vez mais, minando a resistência militar dos romanos.



Constantinopla (Fonte: <http://upload.wikimedia.org>).

GERMÂNICOS

Até meados do século III d.C., o Império Romano, por meio de uma prática política mais racional e ainda em virtude de sua superioridade cultural em relação aos povos vencidos, soube se manter diante dos povos germânicos (bárbaros). Este clima, entretanto, não será o mesmo mais tarde.

A necessidade de se empreender a retirada e de se evacuar de uma série de territórios colonizados (romanizados) se impõe ao domínio romano. A primeira, intensa e devastadora invasão germânica (os visigodos) acontece no oeste do Império, mais especificamente na região da Dácia (hoje, Romênia).

As ações de ocupação continuaram na trilha dos godos (**visigodos**). A imigração de povos como **gépidos, avaros, hunos, eslavos, búlgaros** se faz acompanhar da idéia de estebelecer-se nos territórios ocupados. À medida que invadem e se estabelecem, esses povos pilham e destroem o que encontram, e as áreas devastadas ficam entregues (abandonadas) à sua própria sorte. Este desmoronamento inicial da unidade latina alimenta e encoraja o violento vendaval de invasões germânicas por toda a Europa romanizada. No curso dos acontecimentos, os tênues laços entre os romanos do baixo-Danúbio e o resto da România se diluem e se desbaratam.

A Península Ibérica vai igualmente conhecer a **invasão bárbara**. No ano de 409, uma avalanche de povos germânicos (vândalos, suevos, alanos) atravessa os Pireneus e caem sobre o território hispânico. Numa região menos rica que a Gália (França), a miséria é terrivelmente agravada. Após dois anos de pilhagem, os próprios bárbaros estão famintos e procuram negociar com Roma.

Admitidos como “federados”, os vândalos ocuparam duas regiões peninsulares: no Norte do Rio Douro, juntamente com os suevos, e a região da Andaluzia (Vandaluzia – vandaluz), hoje, Sevilha. Enfim, os alanos se espalham pelos planaltos do centro da Península, inclusive, pela Lusitânia.

Nos anos seguintes, com exceção dos suevos, todos os outros bárbaros são derrotados pelos visigodos, que se estabelecem no planalto castelhano, do Norte de Palência e **Burgos** até Madrid, Toledo e Segóvia. Esta constituía o centro de sua densa colonização. Dos povos germânicos vindos para a Península, os visigodos eram os mais civilizados, pois já conheciam, por sua trajetória e imigração, a vida e os costumes romanos.

Durante um século e meio, suevos e visigodos coexistiram no mesmo espaço peninsular. Os suevos são, na sua generalidade, pagãos, mas, pouco a pouco, encontram-se contagiados pelas crenças religiosas do povo hispano-romano – o catolicismo. Os segundos (visigodos) eram adeptos do **arianismo** e espalharam esta seita pela Península, ocasionando dissensões e revoltas religiosas com os suevos que, vencidos e abolida a sua independência, foram incorporados à monarquia visigótica.

Ver glossário no final da Aula



Mapa das invasões bárbaras (Fonte: <http://www.jayrus.art.br>).

Esta fusão reforçou o fermento cristão que já se manifestava até mesmo entre os visigodos e que, agora, aparece como elemento de estabilidade e coesão para a sociedade peninsular. A romanização dos visigodos não significa que estes povos perderam o seu vigor, mas que declinaram da sua postura intransigente de domínio absoluto e, assim, debilitou-se o sentido particularista de raça, isto é, graças a esta mesclagem, a Hispânia não se tornou gótica como a Gália se converteu em **franca**.

Os contatos étnicos entre suevos, visigodos e hispano-romanos possibilitaram um valor nacional superior: a idéia de uma personalidade hispânica provinciana se converteu numa consciência de unidade independente. Transformaram-se os costumes e o direito. Ainda, neste clima, a semente de inspiração épica germinou como testemunharam as **canções de gesta** e os **poemas épicos** medievais.

Ver glossário no final da Aula

A influência lingüística dos visigodos (e dos demais povos germânicos) nas línguas peninsulares não são de grande expressão. Romanizados, logo cedo, abandonaram o uso de sua língua nativa, tanto que, já no século VII, encontra-se em plena decomposição, nem mesmo um período de intenso bilingüismo, como houve na França, registra-se a língua visigótica no território hispânico.

Os elementos lingüístico-fonéticos germânicos (suevos ou visigóticos) se adaptaram aos sons próximos do latim vulgar ou dos **romances** primitivos que brotavam no solo peninsular. No entanto, algumas exceções

existem. Por exemplo: as mudanças fonéticas ocorridas na passagem do latim para as línguas ibéricas, como veremos mais tarde, testemunham processos de sonorização de consoantes oclusivas intervocálicas como: “lupu” (latim) deu em português e em espanhol “lobo”; ou “acutu” (latim) deu em português e em espanhol “agudo”. Assim, as consoantes surdas /p/, /k/ e /t/, em posição intervocálica, sonorizam-se, tornando-se /b/, /g/, /d/, respectivamente.

No entanto, em palavras como “rapar”, “brotar”, “espeto”, “hato” não houve sonorização. As consoantes intervocálicas surdas originais /p/ e /t/ permanecem nas duas línguas ibéricas referidas acima. Atribui-se este fato, talvez, à consistência dos sons góticos em relação à debilidade de seus correspondentes latinos.

Outras influências são registradas em situações lingüísticas diversas. Assim, na morfologia, temos o sufixo “-ing” (= eng) presente nos derivados de vozes latinas como o português: realengo, flamengo, avoengo (de avó), abadengo (de abade); vocábulos como alberque, espora, trégua, bramar/bramir, guarecer. Muitos dos vocábulos germânico (góticos) hispânicos foram incorporados ao latim vulgar, outros entraram na Península já latinizados.

As **etimologias** góticas mais prováveis referem-se a determinados campos de sentido como:

- a) da vida guerreira: “guerra”, “guardiã”, “guardião”, “guarda”, “espião”, “roupa”;
- b) da agricultura, do vestuário e dos objetos domésticos: “brotar”, “casta” (grupo de animais), “espeto”, “ganso”, “agasalho”, “ufania”, “rapar”, “gana”;
- c) na **onomástica portuguesa**: Álvaro, Fernando, Rodrigo, Rosendo, Argemiro, Elvira, Gonçalo, Gonçalves, Afonso, Alfonso, Ataulfo, Ramiro e muitos outros; na toponímia portuguesa: Ermisende, Guimarães (Vimara Perez – Vimarani) e mais outros localizados na Galiza e ao Norte de Portugal.

A importância das grandes invasões germânicas para a história das línguas peninsulares, como o português, não consiste nesses escassos elementos lingüísticos visigóticos ou suevos que sobreviveram nos romances hispânicos. No cerne das invasões, eclode uma grave depressão cultural e surgem dificuldades intransponíveis de comunicação com o resto da România. Por isso, o latim vulgar da Península Ibérica fica entregue a suas próprias tendências.

Por outro lado, os 175 anos que durou o reino suevo (Norte de Portugal e Galiza) até a conquista visigótica (em 585 d.C.), entre outras dificuldades, contribuíram para aprofundar as nascentes divergências regionais de fala. Acima dessas variações regionais, começa a existir um filão lingüístico galego-português com formas próprias e diferenciadas em relação às outras manifestações lingüísticas peninsulares.

CONCLUSÃO

Vimos que, para além das fronteiras do Império Romano, ficava o “mundo bárbaro”. Na verdade, o povo romano, já há algum tempo, vinha ameaçado por vários povos que não se assujeitavam ao seu domínio. De modo desprezível, os romanos designavam **“bárbaros”** ou estrangeiros.

Ver glossário no final da Aula

Os mais temíveis e terríveis desses povos eram os germanos, os eslavos e os hunos, gente de índole guerreira, mas atraída pela civilização romana.

Acompanhamos um quadro histórico que demonstra o início dessas invasões que remetem ao século III a.C. A princípio, trata-se de uma infiltração pacífica e os invasores se convertem em colonos romanos. Mas as sucessivas invasões de alanos, vândalos, suevos, visigodos, alamanos e muitos outros, a exemplo do que ocorreu na Península Ibérica, esfacelam o domínio romano na região invadida e se instalam reinos bárbaros por todo o espaço do Império Romano.

Como os romanos detinham uma cultura superior à dos povos invasores, sirva-se de exemplo o caso que mais nos interessa nesta aula – que é o da Península Hispânica – os novos senhores do território absorvem, assimilam e cultuam os ensinamentos dos romanos no campo das ciências jurídicas, da arte militar, da administração e da arquitetura, para além de adotarem a religião e a língua dos romanos: o latim.

Em consonância com as diferenciações regionais do latim vulgar em contato com os falares germânicos distribuídos pela Península, originam-se, daí, as línguas ibéricas, nomeadamente o galego-português, o espanhol e o catalão.





RESUMO

Na Península Ibérica, ao tempo das grandes invasões bárbaras (séculos IV/V d.C.), entram alanos, suevos e vândalos. Destes, só os vândalos, de índole violenta e excessivamente destrutiva, têm uma passagem marcada em direção ao Norte da África. Alanos e suevos se estabelecem na Lusitânia e na Galiza, respectivamente.

Mais adiante, a Península experimenta uma nova invasão: a dos visigodos, vindos do Sul da Gália (França), expulsos pelos francos e obrigados a passarem para a Hispânia, onde conquistaram os alanos e suevos até a unificação de todo o território peninsular.

Com tais invasões, a organização política e administrativa dos romanos foi totalmente destruída. No entanto, depois de instalados, esses grupos bárbaros não provocaram grandes resistências e assimilaram a cultura do povo vencido (a idéia de justiça, a técnica militar, a religião) e, mais que isto, a língua latina como veículo de comunicação, de integração e de expressão da nova ordem política, religiosa e administrativa peninsular.



ATIVIDADES

1. Organize, em itens, alguns motivos que favoreceram à invasão do Império Romano por povos germânicos, por volta dos séculos IV/V d.C.

2. Consulte os mapas (em anexo) pertinentes à situação geográfica da época e escreva um parágrafo sobre as áreas ocupadas pelos bárbaros germânicos, localizando seus reinos na Península Ibérica.

3. Quais as razões de a cultura e língua dos bárbaros não terem vingado na Península Ibérica?

4. Deixaram os povos germânicos (bárbaros) alguma contribuição cultural e lingüística na Península Hispânica? Faça uma pequena redação sobre este aspecto.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Os bárbaros foram, por muito tempo, explorados pelos romanos, pois cultural e belicamente se encontravam em estágio inferior, mas isso não impediu que esses povos deixassem a sua contribuição cultural e lingüística na Pensínsula Ibérica.



AUTO-AVALIAÇÃO

1. Com todas estas informações históricas, trazidas por esta aula, sobre o confronto entre romanos e bárbaros, o que permanece em mim como base para o posterior surgimento da Língua Portuguesa?
2. Existiria, na atualidade, algo aproximado em relação à invasão cultural e lingüística na Língua Portuguesa. Como fazer um paralelo ou diferenciações dessas duas situações históricas?

REFERÊNCIAS

- CASTRO, Ivo. **Curso de História da Língua Portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.
- CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Padrão Ed., 1975.
- COUTINHO. Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- SARAIVA. José Hermano. **História Concisa de Portugal**. Lisboa: Coleção Saber Europa-América, 1983.
- SIGUAN, Miquel. **A Europa das Línguas**. Lisboa: Terramar, 1996.

GLÓSSARIO

Constantinopla: Antiga Bizâncio, colônia grega fundada no século VII a.C. Durante a época de prosperidade do mundo helênico, desfrutou de importante posição, dominando o comércio com o Mar Negro. Em 196 d.C., foi destruída pelo imperador romano Lúcio Séptimo Severo (146-211). Quando, a partir de 324 d. C., Constantino (Flávio Valério), imperador romano que se cristianizou, recuperou a parte oriental do Império, mudou a nova “urbe” (cidade) e deu-lhe o nome de Constantinopla, hoje, Istambul.

Visigodos: Povo bárbaro de origem germânica. Por várias vezes, sitiaram Roma. Mantiveram-se na Hispânia até o início do século VIII d.C., quando chegaram os árabes.

Gépidos (ou gépidas): Povo antigo, afim dos godos, habitava as costas do Báltico. Depois, estabeleceram-se no Danúbio.

Avaros: Conjunto de tribos bárbaras de raça amarela que, nos meados do séc. V d.C., formaram uma confederação nas estepes do Rio Volga. Pressionados pelos turcos, deslocaram-se para a Europa central. Transformaram-se, então, em uma constante ameaça ao Império Bizantino, que foi fustigado com suas expedições de pilhagem. Foram destruídos em 791 d.C., pelo exército de Carlos Magno.

Hunos: Povo bárbaro de raça amarela originário da Ásia Central. No decorrer do século III d.C., invade a Europa, exercendo forte pressão sobre os habitantes das regiões do Danúbio e do Volga. Em 453 d. C., com a morte do grande chefe Átila, o poder dos hunos se desmantela.

Eslavos: Ramo étnico e lingüístico da família indo-européia. Denominação genérica para os atuais poloneses, tchecos (russos), búlgaros, sérvios, croatas, eslovenos.

Búlgaros: Povo bárbaro da raça amarela que, em 670 d.C., partindo da Grande Bulgária, no Volga, conquista as populações eslavas do Baixo Danúbio. Graças à superioridade cultural dos povos submetidos, os búlgaros assimilam seus hábitos e a língua.

Canções de Gesta: Gênero literário de origem medieval que se desenvolve à volta da história de feitos heróicos, muitas vezes lendários.

Poema épico: Epopéia. Poema heróico narrativo extenso, uma coleção de feitos, de fatos históricos, de um ou vários indivíduos, reais, lendários ou mitológicos.

Romances: Designação de qualquer dos idiomas românicos, saídos do latim vulgar. Havia, então, o romance (ou romanço) português como havia o espanhol, entre outros.

Etimologias: Disciplina que estuda os étimos (origens) das palavras e determina os métodos para alcançá-los e as causas do processo evolutivo.

Onomástica: Conjunto de nomes próprios de uma língua. Constitui a antroponímia (nomes de pessoas) e a toponímia (nomes de lugares).

Suevos: Povo bárbaro que invade a Península Ibérica e se instala, sobretudo, na região da Galiza.

Alanos: Povos bárbaros orientais que falavam uma língua ariana e habitavam as planícies da Rússia meridional.

Burgos: Nome dado às cidades na Idade Média. A palavra significa cidade fortificada. Seus habitantes, que se dedicavam ao artesanato e ao comércio, eram chamados de burgueses. Na Espanha central, há uma próspera cidade denominada “Burgos”.

Constantinopla: Antiga Bizâncio, colônia grega fundada no século VII a.C. Durante a época de prosperidade do mundo helênico, desfrutou de importante posição, dominando o comércio com o Mar Negro. Em 196 d.C., foi destruída pelo imperador romano Lúcio Séptimo Severo (146-211). Quando, a partir de 324 d. C., Constantino (Flávio Valério), imperador romano que se cristianizou, recuperou a parte oriental do Império, mudou a nova “urbe” (cidade) e deu-lhe o nome de Constantinopla, hoje, Istambul.

Bárbaros: Denominação de origem grega. Foi adotada pelos romanos que passaram a considerar “bárbaros” os que não falavam o latim nem o grego.

Arianismo: Seita estabelecida por Ário, bispo de Alexandria. Negava o dogma da Trindade e a divindade de Jesus Cristo. Espalha-se pela Europa. Foi condenado pelo Concílio de Nicéia, em 325 d. C.

Francos: Denominação genérica dos europeus da região do Levante – Mediterrâneo Oriental.